

# **CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS DAS PALESTRAS APRESENTADAS NA SEMANA INTERDISCIPLINAR: TEOLOGIA E GÊNERO E A QUESTÃO DO MINISTÉRIO FEMININO ORDENADO**

## **1 A IMAGEM DA MULHER NA CRISTANDADE MEDIEVAL: ENTRE O SAGRADO E A DEMONIZAÇÃO**

Eduardo Luiz de Medeiros<sup>1</sup>

Discutir e apontar elementos que auxiliem na compreensão da construção de uma imagem feminina a partir da cristandade Ocidental ou Mediterrânea durante a baixa Idade Média, em especial os séculos XII e XIII, é o objetivo deste texto.

O primeiro elemento importante para esta análise tem relação com o silêncio da própria produção acadêmica no que diz respeito a uma escrita da história das mulheres. Este silêncio por parte dos historiadores dura até a década de 30 do século XX, a partir da influência da escola francesa dos *Annales* e, posteriormente, do movimento da Nova História, a partir da adesão de novos elementos que passam a ser utilizados como fontes históricas através do uso de elementos de outras ciências humanas na pesquisa histórica. A partir desta mudança acadêmica, personagens que, historicamente não tinham nenhuma voz, passaram a ser conhecidos.

Entre os diversos grupos que começaram a ganhar pesquisas a partir de teses e dissertações, as mulheres desta cristandade medieval passaram a ser estudadas e melhor conhecidas. Esta atenção recente por parte da historiografia ocidental revela de que maneira a própria cultura e os elementos de permanência destas sociedades influenciam na escolha dos objetos de estudo. Não será coincidência que, a partir da segunda metade do século passado, o interesse neste tipo de tema tenha aumentado de maneira substancial.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFPR, pós-graduado em Teologia Bíblica pela Universidade Mackenzie, Bacharelado e licenciatura em história pela UFPR, Seminário livre de teologia. Professor na Faculdade Teológica Betânia. E-mail: edumedctba@yahoo.com.br.

O segundo elemento tem relação direta com a construção, por parte de uma sociedade que está pautada pelos dizeres da instituição eclesiástica cristã. No que concerne às mulheres, existe uma imagem dúbia e paradoxal, pois ela oscila entre uma associação direta às tentações produzidas por satanás, sendo então, neste sentido, a mulher um arauto do demônio que tinha como intuito desvirtuar o homem de seu caminho.

O terceiro e último elemento desta análise tem uma relação direta com a ascensão do culto à figura de Maria, que se intensifica de maneira especial durante a chamada Reforma da Idade Média entre os séculos XII e XIII. Neste sentido, uma imagem sacralizada da mãe de Cristo será transferida para as mulheres, com ênfase em um grupo determinado delas: as religiosas.

A associação da mulher com Eva foi uma constante por parte das lideranças eclesiásticas ao longo dos séculos de história da Igreja. Podemos sugerir diversas razões para esta analogia persistente no seio da igreja cristã, entre elas, os modelos disponíveis de sociedade, como a judaica, a grega e a romana, todas bastante conhecidas por não oferecerem espaço para as mulheres, seja para participar da vida pública, seja para poder se expressar no âmbito do espaço de poder. Seu raio de atuação tolerado era o ambiente privado, pois era a responsável pelo cuidado dos filhos e da vida doméstica. O entendimento comum acerca de seu papel com relação à Eva, correspondia a uma compreensão de que a mulher era inferior, por ter sido criada depois, a partir de uma costela do homem. Segundo alguns pensadores do período, o fato do osso da costela ser curvo, comprovaria de certa maneira o caráter desviante gravado em seu DNA feminino desde o início.

O aumento do contato com os povos “bárbaros” após a romanização da igreja cristã a partir do século IV, apresenta um novo elemento que será introduzido nesta discussão. O desconhecimento da cultura, das práticas e da estrutura destas sociedades distintas, com uma cosmovisão própria no contato com a natureza, por exemplo, leva a novas interpretações por parte da igreja, associando estas mulheres que estavam fora do ambiente proposto para elas nesta sociedade cristã, ao vínculo demoníaco. Além disso, momentos históricos pautados por grandes crises, internas ou externas, seja por doenças que matavam milhares de pessoas, ameaças à soberania eclesiástica, associada às heresias medievais, resultavam em um recrudescimento por parte da igreja na penalização de mulheres que eram associadas à bruxaria e responsabilizadas por parte dos acontecimentos.

Por outro lado, a imagem sacralizada da mulher, que é intensificada em meados do século XIII, a partir do culto a Maria, tem como objetivo exaltar a religiosidade de um grupo de mulheres que pertencem, de maneira geral, à nobreza e terão uma vida voltada à pureza e à luta contra os desejos da carne. O dominicano Jacopo Varezze elaborou o primeiro compilado hagiográfico da igreja, intitulado, *a posteriori*, *Legenda Aurea*. Nele existe o registro de trinta santas, das quais vinte são apresentadas como virgens; cinco delas abandonaram a vida comum para viver em penitência no claustro e as demais tiveram filhos ou foram casadas. É notório destacar o elevado número de santas que sofreram o martírio, fomentando o papel religioso e de inspiração que teriam no futuro.

## **2 A QUEDA DA MULHER E O INÍCIO DA DOMINAÇÃO MASCULINA SOBRE ELA**

Eliseu Pereira<sup>2</sup>

Em todas as sociedades, de todas as épocas, há um traço comum de supremacia masculina e controle das mulheres. Isso ocorre principalmente na esfera das religiões, incluindo aí todos os ramos do cristianismo. É nesse escopo que devemos nos perguntar pela ordenação feminina ao pastorado.

Para elucidar essa disposição, podemos considerar duas hipóteses: é da ordem natural, ou seja, é da natureza humana; ou é de ordem divina, ou seja, é assim porque Deus quer. O objetivo deste texto é contestar essas duas hipóteses e demonstrar que a submissão da mulher é da ordem da decadência.

### **O Relato da Queda em Gênesis 3**

A pergunta da serpente à mulher altera intencionalmente a ordem de Deus: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (3.1). Para responder, a mulher é obrigada a analisar as possíveis interpretações a ordem de Deus e corrigir a pergunta (3.2-3). Então a serpente incita a mulher a pensar livre da ordem, mentindo-lhe: “É certo que não morrereis” (3.4). A serpente introduz a

---

<sup>2</sup> Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica PUC/PR, Brasil. Mestre em Teologia Pontifícia Universidade Católica PUC/PR, Brasil. Especialista em Exegese e Teologia Bíblica, FABAPAR, Brasil. Graduado em Administração. Centro Universitário Autônomo do Brasil, UNIBRASIL, Brasil. Graduado em Teologia. Faculdade Evangélica do Paraná, FEPAR, Brasil. Formado em missiologia pelo seminário Betânia de Altônia- SEMIB - Brasil. Professor na Faculdade Teológica Betânia, Curitiba, PR. E-mail: eliseugp@yahoo.com.br.

imagem de um 'deus' mesquinho, que inveja o humano e nega-lhe o bem: "sereis como Deus" (3.5).

A mulher vê que a árvore é "boa para comer, agradável aos olhos" e "desejável para dar entendimento" e come do fruto, dá ao seu marido e "ele comeu" (3.6). Assim, o humano morre como '*imago Dei*' e decai para um estado de 'humano-como-Deus' (3.5). Como resultado, o homem e a mulher percebem que estavam nus, sentem vergonha e providenciam um modo de cobrir a nudez (3.7). Essa é a narrativa da Queda.

Então Deus chama pelo casal, que foge com medo e se esconde. Deus os encontra (3.8-9) e inicia a inquirição das responsabilidades. Deus questiona o homem (3.9-11), que acusa a mulher (3.12), que por sua vez acusa a serpente (3.13). O homem e a mulher, criados à '*imago Dei*' e unidos em "uma só carne" (Gn 2.24), agora decaídos em 'humano-como-deus', afastam-se do Criador e um do outro. A seguir, Deus enuncia o julgamento da serpente, da mulher e do homem (3.14-19).

### **A Queda e a Mulher**

A fala de Deus à mulher (3.16) pode ser considerada a etiologia da dominação do homem sobre a mulher e da conseqüente divisão desproporcional de poder e tarefas, além de fundamento da culpabilização da mulher.

Primeiro, Deus diz à mulher que o sofrimento da gravidez e as dores de parto seriam acrescentadas, em contraste com "sejam fecundos e multipliquem-se" (Gn 1.28a). Essas dores estão em paralelo com as dores do homem na produção de alimento na terra inóspita (3.17), que, por sua vez, contrastam com o "dominem a terra" (Gn 1.28-30; 2.15).

Segundo, Deus diz à mulher que seu desejo (heb. *teshûqâh*) pelo marido seria respondido com dominação (heb. *mâshal*). O humano-como-deus não reconhece limites. Assim como havia desejado o fruto (3.6), a 'mulher-como-deus' busca seu marido, mas o 'homem-como-deus' reage com dominação sobre ela. Não é uma ordem divina, mas uma constatação.

### **Considerações Finais**

Retomando a pergunta introdutória quanto à razão da dominação do homem sobre a mulher, ficou demonstrado que não decorre nem de ordem natural — porque Deus criou homem e mulher igualmente à sua imagem e semelhança (Gn

1.26s) — nem de ordem divina — porque Deus deu ao homem e à mulher o mesmo mandato e abençoou sua união como “uma só carne” (Gn 1.28-30; 2.24).

O relato da Queda demonstra que a superioridade masculina é da ordem da decadência, que causou alienação, ruptura, inimizade, ódio, medo, vergonha, desconfiança, culpa e profunda frustração.

Mas a ordem de decadência não é a palavra final para homens e mulheres, porque Jesus, a semente da mulher (3.15), instaurou a ordem da salvação, na qual todos são reconciliados com Deus, consigo mesmos e uns com os outros. Desde então, não há mais hierarquia entre homens ‘dominadores’ e mulheres ‘subordinadas’, mas são todos e todas elevados à mesma dignidade em Jesus.

Ora, se Jesus encarnou nossa humanidade decaída e elevou homens e mulheres a mesma dignidade, com que justificativa se poderá excluir as mulheres de certos ofícios, reservando-os exclusivamente a homens, sem atentar contra a perfeita salvação provida por Jesus?

### **3 A MULHER PREGADORA: UMA ANÁLISE DO CENÁRIO BRASILEIRO NA ATUALIDADE**

José de Godoi Filho<sup>3</sup>

Nas últimas décadas, embora ainda haja resistência por parte de algumas igrejas evangélicas quanto à ordenação feminina, têm havido um crescimento significativo de pregadoras em todo o território brasileiro, em muitas denominações.

Um dos sites evangélicos, o *verbo news*, discorrendo sobre seis pregadoras evangélicas da atualidade que impactam o Brasil, tem a seguinte sinopse no início de sua matéria:

Enquanto os debates teológicos tentam dizer se mulheres podem ou não pregar para multidões, o Brasil segue sendo um celeiro de ministros e as mulheres estão se destacando cada vez mais no ministério pastoral. Com conhecimento da Palavra e um jeito especial para falar aos corações, essas

---

<sup>3</sup> Especialista em Psicodrama Terapêutica (Associação Paranaense de Psicodrama – FEP), em Psicologia Clínica (UTP), em Novo Testamento e Grego (Spurgeon’s College, Londres, Inglaterra), Estudos Concentrados em Ministério Pastoral (Regent’s Park College, Oxford, Inglaterra) e em Exposição Bíblica e Aconselhamento Pastoral (Wheaton College, Wheaton, EUA), Bacharel em Teologia (Seminário Teológico Batista do Paraná) e em Psicologia (UTP). Professor na Faculdade Teológica Betânia. E-mail: godoifilho@gmail.com

pregadoras ganham cada vez mais destaque nas redes sociais e viajam por todo o país espalhando a mensagem do Evangelho.<sup>4</sup>

Somente a partir do séc. XX as igrejas começaram a reconhecer e ordenar mulheres ao ministério. Não sem resistências, discussões teológicas e até mesmo oposição. Wanda Deifelt,<sup>5</sup> num artigo intitulado *Mulheres pregadoras – uma tradição da igreja*, conta a história da trajetória da atuação da mulher desde o primeiro século até os nossos dias, momento este em que o ministério pastoral feminino, finalmente, tem sido reconhecido num crescente cada vez maior entre as denominações evangélicas, incluindo o Brasil.

Enquanto a aceitação das mulheres no ministério pastoral está se tornando, inevitavelmente, um caminho sem volta, na atualidade, parece-nos que, na ordem dos papéis religiosos, o ministério da pregação se encontra mais acelerado, pois, na comparação com o ministério pastoral reconhecido, a pregação, o ensino e palestras, conduzidos por mulheres, têm tido menos resistência.

Esse breve artigo objetiva refletir sobre o ministério feminino de pregação nas últimas décadas, no âmbito brasileiro, contextualizando o cenário dessas pregadoras, analisando semelhanças, diferenças, peculiaridades e suas competências.

Para tanto, algumas pregadoras de destaque no cenário nacional foram selecionadas, sendo que o autor deste artigo ouviu, nas mídias sociais, pelo menos uma pregação de cada uma dessas pregadoras. As pregadoras ouvidas foram as seguintes: Valnice Milhomens Coelho, apóstola da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo; Dra Edméia Williams, missionária da Igreja Anglicana; pastora Talitha Pereira, Igreja do Amor; pastora Helena Tannure, Igreja Batista da Lagoinha; Alexandra Abrantes, Ministério MEVAM (Missões Evangélicas “Vinde, amados meus”); Dra Rosana Alves, preletora, Igreja Adventista do 7º Dia; as pastoras Isa Reis, Camila Barros e Helena Raquel, da Igreja Assembléia de Deus.

Ouvidas as pregações dessas impressionantes pregadoras, algumas características chamam a atenção. A primeira delas trata-se de experiências de conversão impactantes, como é o caso da Dra. Edméia Williams, da Igreja

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://overbo.news/conheca-6-pregadoras-que-estao-impactando-o-brasil/>

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/missao-mulheres/mulheres-pregadoras-uma-tradicao-da-igreja](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/mulheres-pregadoras-uma-tradicao-da-igreja)

Anglicana. Sua experiência de conversão e chamada, como de outras pregadoras, já são, em si, poderosos sermões de vida.

A forte convicção de chamada para pregar, ensinar e ministrar é outra característica observada nessas pregadoras. Exemplo disso é o caso da Apóstola Valnice Milhomens Coelho, uma das pioneiras da pregação feminina em nosso país. Ela foi a primeira líder evangélica a usar a televisão como instrumento de evangelização, na década de 80.

A formação acadêmica de algumas dessas pregadoras se reflete na grande capacidade de abordarem temas teológicos, em conjugação com temas atuais, o que lhes confere grande credibilidade. É o caso da Dra. Edméia Williams Coelho, da Igreja Anglicana, que é formada em Pedagogia, Filosofia, Psicologia e Música, além de falar vários idiomas. Também é o caso da Dra. Rosana Alves, preleitora da Igreja Adventista do 7º Dia, que é Phd em Neurociência. Além disso, várias dessas pregadoras têm livros publicados, sobre vários temas populares e atuais, alcançando grande parcela do público feminino.

A grande capacidade de comunicação dessas pregadoras é outra característica que impressiona, embora cada qual com o seu estilo peculiar. Algumas pregadoras empregam um estilo de pregação mais clássico, característico de pregadores masculinos, com impostação de voz e palavras de ordem. Outras, num estilo mais feminino de falar. Outras ainda, em tom de conversa falam ao seu público, não sem menos impacto. Extenso vocabulário, senso de humor, interação com o público e dramaticidade são alguns dos recursos poderosos de comunicação usados por essas pregadoras.

A contemporaneidade dos temas abordados, sem deixar de lado a essência do Evangelho, atinge em cheio o público que, nessa pós-modernidade, valoriza temas como: ansiedade, autoestima, como lidar com as emoções, a neurociência e a fé, etc.

O grande alcance de suas ministrações coincide com o momento midiático em que estamos vivendo. Elas usam largamente as redes sociais. Todas elas estão nas mídias, e atingem milhares de pessoas, e milhares as seguem.

Essas consagradas pregadoras também atingem públicos diferenciados. Grande parte dessas pregadoras alcançam, de maneira especial, os seus pares

quanto ao gênero, ou seja, o público feminino, que é uma grande parcela das igrejas. Sendo do gênero feminino, sentem-se mais habilitadas para ministrar às mulheres no que lhes diz respeito, pelo que são muito requisitadas para conferências, retiros e congressos de mulheres. Além disso, algumas pastoras, como Alexandra Abrantes, esposa do cantor Rodolfo Abrantes, ex-integrante dos Raimundos, usando tatuagem nos braços e linguagem dos jovens, atingem um público que dificilmente participaria de uma igreja evangélica tradicional.

Todas essas características, acima citadas, contradizem o alegado argumento que era outrora colocado para que mulheres não assumissem ministérios públicos, como os dos homens. Exemplo desse argumento é o que Lutero pensava do ministério feminino. Usando o argumento cultural, em favor dos pregadores masculinos, disse: “Os homens têm mais desenvoltura para expressar-se em público; tem boa voz, eloquência, memória, além de outros dons; é mais apropriado para homem, para manter o respeito e a disciplina”.<sup>6</sup>

Waldyr Carvalho Luz, professor aposentado da Unicamp e doutor em Filosofia do NT, pelo *Princeton Theological Seminary*, que exerceu um longo magistério no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, SP, e que traduziu *As Institutas*, de João Calvino, declarou o seguinte, à Revista *Ultimato*, numa entrevista sobre ministério feminino: “É provável que o maior obstáculo à ordenação de pastoras, presbíteras e diaconisas não seja a Palavra de Deus, mas o machismo” (p. 44).<sup>7</sup>

Em relação à capacidade das mulheres que atualmente exercem o ministério de liderança e pregação em nosso país, Waldyr Carvalho declarou:

Mulheres superdotadas, de notório espírito de liderança e notável capacidade de ação, não são raridade em nossas igrejas. Normativamente, elas desenvolvem seus talentos e dons espontaneamente, sem chancela oficial ou entendimento formal com a direção da igreja. Gozam de larga influência e são cercadas de admiração incontestável e o apoio de numeroso círculo de simpatizantes (p. 48).<sup>8</sup>

No que se refere à importância do ministério feminino, em paridade com os homens, o renomado prof. Waldyr Carvalho Luz é taxativo ao afirmar:

---

<sup>6</sup> Citado por Wanda Deifelt, em seu artigo, *Mulheres pregadoras – uma tradição da igreja*. Disponível em: [https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/missao-mulheres/mulheres-pregadoras-uma-tradicao-da-igreja](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/mulheres-pregadoras-uma-tradicao-da-igreja).

<sup>7</sup> LUZ, Waldyr Carvalho. Ordenação feminina : na ambivalência protestante, a ordenação feminina vai desde o veto até a prática. Revista *Ultimato*, Viçosa, MG, n. 329, p. 44, mar/abr, 2011.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 48.



A participação de mulheres em funções eclesiais, inclusive no ministério pastoral, nos últimos cinquenta anos, em não poucas denominações, em absoluta paridade com os homens, na Igreja de Cristo, ou o chamado mundo evangélico, é um fato de excepcional relevância e indizível alcance. Não paira dúvida, a equiparação das mulheres aos homens nas funções eclesiais não apenas enriquece o quadro operacional da igreja, dinamiza-o e amplia significativamente o alcance de sua bendita operação (p. 48).<sup>9</sup>

Ao final desse breve artigo, fica evidente que o Brasil, na atualidade, é um celeiro de pregadoras altamente dotadas, e que a atuação feminina em todos os papéis, tradicionalmente alocados aos homens, é um caminho que não tem volta. Com isso, quem ganha é o próprio reino de Deus.

#### **4 AFINAL, A MULHER PODE OU NÃO ENSINAR NO CULTO? UM ESTUDO À LUZ DE 1 CORÍNTIOS 14.33-34**

Juliano Marlus de Abreu<sup>10</sup>

Mesmo nos dias atuais a mulher ainda sofre, além da violência, com preconceitos ministeriais e profissionais - e não estamos analisando uma cultura mais tradicional e conservadora, como em países influenciados pela religião islâmica. Denominações cristãs evangélicas ocidentais ainda proíbem as mulheres de ensinarem nas igrejas.

Nossa tarefa será fazer uma breve análise do texto de 1 Coríntios 14.33-35:

34 As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. 35 E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja.

O estudo da crítica textual nos informa que alguns manuscritos chegam a colocar os versículos 34 ao 35 no final do capítulo 14, depois do versículo 40. (OMANSON, 2010, p. 355). Já Gordon Fee (2019, p. 853) classifica essa passagem como: “[...] passagem espúria (v. 33,34) que conseguiu se aninhar na tradição manuscrita, tendo sido inserida nesse ponto na maioria dos textos remanescentes [...]”, ou seja, o autor se nega a comentar esses versículos em sua obra, pois para ele não tem valia nem mesmo como uma interpolação.

---

<sup>9</sup> LUZ, Waldyr Carvalho. Ordenação feminina : na ambivalência protestante, a ordenação feminina vai desde o veto até a prática. Revista Ultimato, Viçosa, MG, n. 329, p. 48, mar/abr, 2011.

<sup>10</sup> Especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas - FATEBE. Graduado em Teologia pelo seminário Betânia de Altônia e FABAPAR. Professor na Faculdade Teológica Betânia. E-mail: julianomarlus@gmail.com.

Todavia, o breve estudo abordará os versículos dentro do seu contexto histórico, cultural e literário partindo do pressuposto como parte integrante do NT, independente de sua colocação nos manuscritos antigos.

Não se pode deixar de lado os aspectos culturais da época; a posição da mulher na sociedade era deprimente. O grego Sófocles havia dito que “o silêncio confere graça a uma mulher”; já os rabinos que “com respeito a ensinar a lei a uma mulher, o mesmo seria ensinar-lhe impiedade.” (BARCLAY, 1956, p. 136). O mundo greco-romano não conferia valor nenhum à mulher e no judaísmo não era diferente. É nesse contexto que o NT é escrito.

Barclay (1956, p. 134) nos chama a atenção para a observação de como era o culto na Igreja Primitiva. Existia uma “liberdade e uma informalidade” diferente dos nossos cultos atuais, pois não existia “pastores profissionais”, todo aquele que tinha o dom estava livre para usá-lo, a ordem no culto tinha uma flexibilidade. Não participava de um culto somente como passivo ouvinte. As mulheres no NT se destacavam por suas qualidades e virtudes e não por titularidade funcional, uma vez que essa institucionalização vem a *posteriori*.

O contexto literário imediato dos versículos “esboça regras de conduta que promovem o culto ordeiro”, conforme nos relata Kistemaker (2003, p. 711). As profecias devem ser julgadas pelos ouvintes. Porém, Paulo impede as mulheres de julgarem as profecias dos homens. Para o Dr. Waldyr Carvalho Luz (2011, p. 44-49) essa é uma questão de “etiqueta feminina da época” e não uma “injunção teológica.”

Quando faz apelo à Lei, de forma genérica à Escritura,

Ele tem em mente o relato de Gênesis 2.18-24, que ensina a ordem da criação na qual Adão foi criado primeiro e depois Eva como ajudadora de Adão. Desse relato, Paulo deduz o princípio de que a esposa é sujeita ao marido como ajudadora dele e é responsável perante ele. (KISTEMAKER, 2003, p. 712).

Paulo orienta as mulheres de Corinto a respeitarem seus maridos no culto, ficando em silêncio quando discordarem da profecia (pregação) dele e questioná-lo na privacidade do lar.

Se a ordem de Paulo era para que as mulheres ficassem totalmente caladas nos cultos, teremos uma grande contradição com o capítulo 11.5: “Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada.”

Kistemaker (2003, p. 711) presume “que com os homens, as mulheres também cantavam salmos e hinos na igreja (14.26).” Paulo jamais quis proibir a mulher de falar e adorar a Deus no culto, uma vez que a passagem bíblica citada pelo autor traz, além de salmos e hinos, doutrina, revelação, língua e interpretação.

Ademais, não permitir que uma mulher fale, ensine ou pregue numa igreja é limitar a ação do Espírito Santo prometida no AT em Joel 2.28-29 e concretizada em Atos 2.17-18:

E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, Que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, Os vossos jovens terão visões, E os vossos velhos sonharão sonhos; E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão;

Teríamos que ser honestos em afirmar que o dom do ensino e da pregação foi concedido somente aos homens, uma vez que no contexto amplo de 1 Coríntios, Paulo trata com os dons espirituais no capítulo 12. No compêndio da teologia paulina, os dons foram dados para a edificação da igreja. Teríamos também que diferenciar os dons espirituais. Exemplificaremos agora em Romanos 12, alguns exclusivos para homens: profecia, ministrar, ensinar, exortar, presidir e outros para homens e mulheres: repartir e misericórdia.

Fica a pergunta baseada em Efésios 4.11-12: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo.” Será mesmo que as mulheres também estão de fora dos dons ministeriais? Eu creio que não.

## **Bibliografia**

KISTEMAKER, Simon. **Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios**. SP: Cultura Cristã, 2003.

BARCLAY, Willian. **Comentário de 1 Coríntios**. Trindade College, 1956.

FEE, Gordon. **Comentário Exegético de 1 Coríntios**. SP: Vida Nova, 2010.

OMANSON, Roger. **Variantes Textuais do Novo Testamento, Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”**. SP: SBB, 2010.

LUZ, Waldyr. **Ordenação feminina**. Revista Ultimato. Viçosa, MG, Vol. 329, p. 44-49, Março-Abril de 2011.

**5 É POSSÍVEL A MULHER NO MINISTÉRIO ORDENADO À LUZ DA HERMENÊUTICA PAULINA?**

A hermenêutica é a ciência que coordena outros saberes afins para a interpretação de um texto. O Direito, a Teologia bíblica e a literatura, provavelmente sejam as áreas de saberes que mais se valem da ciência hermenêutica na atualidade. Não se pode dizer que se trata de uma ciência objetiva, pois os arranjos de interpretação podem ser contaminados pelas preconcepções do intérprete.

As correntes hermenêuticas são muitas, desde as tradições de fé e interpretação dessa fé para os fiéis no AT, entrando na história adentro. Nos dias atuais, três fortes escolas de interpretação disputam as atenções dos leitores e intérpretes: Histórico-gramatical, Histórico-crítico e o Método Semio-discursivo ou Hermenêutica Discursiva.

O método Histórico-gramatical vai para o texto, visando encontrar o primeiro sentido do texto, o que o autor tinha em mente para os seus primeiros leitores, e auxilia na transposição cultural; o método Histórico-crítico pressupõe a libertação de premissas dogmáticas e adota a razão como principal critério de avaliação do texto bíblico, tendo forte influência dos movimentos culturais, chamados historicismo e racionalismo; já o método Semio-discursivo aponta para tratar o texto bíblico como discurso, que recebe um tratamento pelas vias da semiótica. Darei um tratamento na minha leitura do texto, na perspectiva do método Histórico-gramatical. Uma lei da hermenêutica que quero me valer neste paper diz: “A bíblica interpreta a própria Bíblia”.

Uma variação do método Histórico-gramatical é a hermenêutica canônica, muito trabalhada atualmente pelo teólogo bíblico, o professor de Trinity, Kevin Vanhoozen.

O texto que fundamenta a problematização da nossa breve reflexão é  
1 Tm 2.8-15:

<sup>8</sup> Quero que em todos os lugares os homens orem, homens dedicados a Deus; e que, ao orarem, eles levantem as mãos, sem ódio e sem brigas.

<sup>9</sup> Quero também que as mulheres sejam sensatas e usem roupas decentes e simples. Que elas se enfeitem, mas não com penteados complicados, nem com jóias de ouro ou de pérolas, nem com roupas

---

<sup>11</sup> Mestre em Ciências da Religião (Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP).  
Especialista em Docência em Filosofia e Sociologia (Instituto Salesiano de Filosofia, INSAF).  
Bacharel em Teologia pelo Seminário Betânia e em história. Professor na Faculdade Teológica Betânia. E-mail: NonatoVieira@hotmail.com.

caras! <sup>10</sup> Que se enfeitem com boas ações, como devem fazer as mulheres que dizem que são dedicadas a Deus!

<sup>11</sup> As mulheres devem aprender em silêncio e com toda a humildade.

<sup>12</sup> Não permito que as mulheres ensinem ou tenham autoridade sobre os homens; elas devem ficar em silêncio. <sup>13</sup> Pois Adão foi criado primeiro, e depois Eva. <sup>14</sup> E não foi Adão quem foi enganado; a mulher é que foi enganada e desobedeceu à lei de Deus. <sup>15</sup> Mas a mulher será salva tendo filhos se ela, com pureza, continuar na fé, no amor e na dedicação a Deus.

Nesta perspectiva, se trabalha uma teologia bíblica da possibilidade ou da não ordenação pastoral canonicamente.

Entendo que os ofícios de Cristo são manifestados no ministério pastoral: Sacerdote, Rei e Profeta. Deus diz em Ezequiel 34: 12-15 que estaria sendo pastor de Israel, conduzindo, cuidando e reunindo o seu rebanho para perto de si. A pessoa e a obra de Jesus, materializado no seu ministério, realiza esse trabalho pastoral e vocaciona pastores para a continuação desse serviço.

No AT – o trabalho de pastorear está focado nas três figuras: sacerdote, Rei e Profeta. Para o ofício de Sacerdote e Rei, fazia-se necessário a unção com azeite, no caso do terceiro ofício, o profeta, não há uma exigência universal.

Numa teologia que considera a igreja do AT como sendo a igreja que se segue no NT, o seu ofício pastoral segue a mesma linha de tradição canônica: Deus ordena sacerdotes, reis e profetas para conduzir o seu povo, que se realiza plenamente na Pessoa de Jesus Cristo, que segue no pastoreio pelos apóstolos e presbíteros (pastores).

O Apóstolo Paulo se vale dessa linha de tradição canônica para entender a relação de homens e mulheres com os ofícios materializados no culto público: **a ordem da criação, as funções na criação, a queda da criação.**

Paulo não argumenta por fatores sociais, por princípio de importância ou de sabedoria, mas pela tradição revelada canonicamente. As diferentes leituras hermenêuticas aplicadas a este texto nos dirão coisas diferentes:

Uma hermenêutica **literalista extrema** – A mulher usa véu, os homens orem de mãos levantadas, as mulheres não usem tranças, nem enfeites nos cabelos...

Uma hermenêutica **puramente cultural** – nada é de valor objetivo para a igreja de hoje, foi apenas para a igreja de Éfeso.

Uma hermenêutica de **transposição cultural** – o texto é normativo. Quais verdades essenciais foram reveladas para a igreja de Éfeso e são reveladas para nós hoje?

Para Stott, precisamos encontrar no texto o que é universal e o que é cultural. O que se repete canonicamente? O que é particularmente de Efésios?

(Submissão/autoridade *hupotagê/autheteo* – permanente e universal – Base canônica – v 13, 1 Co 11.12).

Silêncio/ensino – expressão cultural – necessidade de se fazer a transposição cultural e afirmar o ensino local e universal. É bom dizer que liderança não implica em hierarquia. A relação da Trindade é um exemplo, o homem a cabeça da mulher, o Deus Pai o cabeça de Cristo, não pressupõe hierarquia, nem quebra o princípio da unidade.

A pesquisa deste texto teve um impacto com a pesquisa de Richard Clark Kroeger e Catherine Clark Kroeger, que, com razão, veem a necessidade de deixar o ensino do texto limpo. Porém, no intento de fazerem isso, foram para um extremo, deixando o texto sem ensino universal. Deixaram apenas possibilidades de aplicações éticas indiretas, fazendo o contexto de 1 Timóteo ser reduzido às relações da influência da teologia pagã, focada na deusa Diana e suas aplicações nas relações de liderança, sacerdócio, maternidade, entre outras acepções. Se lermos o capítulo primeiro de 1 Timóteo, já será o suficiente para a compreensão de que o contexto histórico da Carta está muito mais relacionado à presença e influência dos judeus e seus cultos do que da deusa Diana dos Efésios.

Quando a interpretação de uma **epístola**, faz, quase que, um capítulo inteiro não dizer nada objetivamente para a igreja universal, é de se pensar nos desdobramentos possíveis para o estudo das Escrituras na linha de interpretação.

A universalidade do ensino nesta perícopes não está focando na autoridade civil que a mulher possa exercer, pois neste caso não teríamos sustentação canônica, pois Débora e outras mulheres exerceram autoridade civil; não está dizendo universalmente que a mulher não deveria ensinar, pois, também não teríamos sustentação canônica para essa afirmação; mas a afirmação universal é que, no que tange ao culto público a mulher não deveria exercer autoridade sobre os homens, o que apontaria para isto que estamos chamando de ordenação. As razões que o Apóstolo Paulo elenca são canônicas.

Tentar focar nesta interpretação a partir de vocábulos, seria um equívoco, acabaríamos por não elaborar uma teologia bíblica sobre o tema. Não tendo uma teologia bíblica sobre o tema, fundaremos a prática por princípios das ciências sociais, deduziremos e faremos essas deduções virarem verdades bíblicas.

Deus concedeu dons à sua igreja, o pastoreio é universal, tanto para homens como para mulheres, pois trata-se de uma ação de cuidado, porém dizer que isso é a mesma coisa que ordenação, é seguirmos alargando o entendimento

das Escrituras para atender à agenda humanista. A agenda humanista impõe a negação a todas as afirmações que contrariam a força humana de viver sem o confronto de Deus. É lamentável que as bases hermenêuticas utilizadas por muitos intérpretes vão desde considerar a ausência de distinção de gênero universal, até considerar os textos normativos como demonstração de força política de quem construiu aquele ensino, que essas vertentes chamam de discursos ideológicos.

Sei que existe um lado do estudo desse tema carregado de preconceito e discurso ideológico, o que pode ser visto nos dois lados da discussão, mas o assunto bíblico é de uma arquitetura canônica, que Deus estabeleceu, sem dar grau de importância, mas de funções. O mundo e seu apelo humanista desconsidera os princípios de Deus em organizar as coisas, mas se o ensinamento é normativo a igreja deve se colocar na contramão da agenda humanista, como “ainda” faz com a exclusividade de Cristo na salvação.

## **6 JESUS E AS MULHERES**

Fred Roland Borschein<sup>12</sup>

Jesus disse que quando fosse levantado da terra a todos iria atrair a si (Jo. 12.32). Jesus falou isto referindo-se à sua cruz. Mas muito antes, muito antes da cruz, Jesus atraía as pessoas. O poder de atração de Jesus era enorme. Chama a nossa atenção, salta à vista, se destaca enormemente, o poder de atração que Jesus exercia sobre as mulheres.

Ele as atraía como o mel atrai as abelhas, como a flor os colibris. As mulheres ficavam cativadas por Jesus como os planetas que giram na órbita do sol. E não era pelo fato de ser bonito. A única descrição física que temos de Jesus é na palavra profética de Isaías: “Olhamos para ele e não tinha nenhuma beleza que nos agradasse”.

Por que Jesus exercia esta atração sobre as mulheres? Certamente uma das razões, senão a mais importante, é que as mulheres se sentiam amadas, acolhidas, compreendidas e valorizadas por Jesus. Na sociedade judaica da época

---

<sup>12</sup> Mestre em Teologia (PUC-PR), Especialista em Estudos Avançados em Teologia e Bíblia (Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul-SC), Bacharel em Teologia (Faculdade Evangélica do Brasil, Londrina-PR). Professor na Faculdade Teológica Betânia. E-mail: frb372@gmail.com.

as mulheres tinham pouco valor. Elas estavam limitadas, bloqueadas. Eram desvalorizadas.

A teóloga católica Maria Bingemer diz que “a mulher, no judaísmo do tempo de Jesus, era considerada social e religiosamente inferior”<sup>13</sup>. Citando Leonardo Boff ela explica que isto se devia,

Primeiro, por não ser circuncidada e, por conseguinte, não pertencer propriamente à Aliança com Deus; depois pelos rigorosos preceitos de purificação aos quais estava obrigada por causa da sua condição biológica de mulher; e, finalmente, porque personificava a Eva com toda a carga pejorativa que se lhe agregava<sup>14</sup>.

Mas não era assim apenas no judaísmo. Esta desvalorização da mulher tinha um caráter quase universal. Stanley Jones, o grande missionário metodista que trabalhou na Índia e que conhecia profundamente o hinduísmo e o budismo, explica que, “tanto no budismo como no hinduísmo a mulher, como tal, não poderia se salvar, precisaria reencarnar como homem para obter esta graça”<sup>15</sup>.

Mas nada disso percebemos em Jesus. Quando Jesus na sinagoga em Nazaré, usando o texto do profeta Isaías, apresentou seu programa messiânico (Lc. 4.17-21) e afirmou: “Hoje se cumpriu a Escritura”. “O ano aceitável do Senhor”, o ano do jubileu, o ano da graça, o ano da remissão, havia chegado.

- Os pobres ouviriam as boas-novas.
- Os oprimidos seriam libertados.
- Os quebrantados seriam curados.
- Os oprimidos, entre eles as mulheres oprimidas e encurvadas debaixo do peso de séculos de discriminação e marginalização, seriam restaurados.

Há um evento relatado em Lucas 13.1-13. Jesus estava ensinando num sábado numa sinagoga e entra uma mulher encurvada. Há 18 anos ela vivia presa a este mal e, encurvada, vivia com o seu rosto voltado para o chão. Jesus a chamou e disse: “Mulher, você está livre da sua enfermidade”. Ela se endireitou. Podia agora erguer a cabeça, podia olhar ao redor, podia ver o rosto das pessoas. Ela começou a louvar a Deus pela sua libertação.

---

<sup>13</sup> BINGEMER, Maria Clara. **Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 46.

<sup>14</sup> BOFF, Leonardo. O rosto materno de Deus. Petrópolis: Vozes, 1979, pgs 77-78 apud BINGEMER, Maria Clara. **Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 46.

<sup>15</sup> JONES, E. Stanley. **O Cristo de todos os caminhos**. 2ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1968, pg. 111.



Com o devido cuidado podemos fazer aqui uma alegoria. Esta mulher encurvada é um símbolo de todas as mulheres encurvadas, com o olhar voltado para o chão, sentindo-se humilhadas, desvalorizadas. Mulheres no mundo, na sociedade, nas sinagogas, nas religiões e, infelizmente, às vezes, até dentro das igrejas. Mulheres que experimentando o amor e o poder libertador de Jesus, agora erguem o rosto e ocupam o seu lugar de direito no mundo, na sociedade e na igreja.

Jesus resgatou a dignidade e o valor da mulher. No reino de Deus, a mulher vive a realidade do jubileu. Jesus, em relação às mulheres, explodiu os paradigmas de sua época. No judaísmo ortodoxo, até hoje, as mulheres são proibidas de estudar a lei. Mas Jesus não tinha estes preconceitos. Ele ensinou teologia não só a Maria, sua amiga assentada a seus pés, mas, à beira da estrada, ensinou sobre a realidade de Deus, da fé e da vida, a uma mulher e, mais do que uma mulher, uma mulher samaritana, e, mais do que isto, era uma mulher com uma vida moral duvidosa. Foi a ela, apenas a ela, que Jesus declarou com todas as letras: “Eu sou o Messias!”

As mulheres tinham o seu lugar entre os discípulos que acompanhavam a Jesus. Muitas mulheres o serviam com os seus bens. A importância das mulheres no ministério de Jesus vemos em dois momentos.

**A primeira vez** foi nas Bodas de Caná. Naquele casamento surgiu uma situação constrangedora que podia envergonhar o noivo e estragar a alegria da festa. Maria informa a Jesus sobre a situação e diz aos serventes que façam tudo o que Jesus disser. Jesus mandou encher os vasos de água e transformou a água em vinho. Maria foi o “botão de arranque” para Jesus iniciar o seu ministério.

**No outro extremo temporal do ministério de Jesus** temos o exemplo de Maria Madalena. Jesus ressuscitado se revelou a ela após a sua ressurreição. Jesus a mandou dizer aos discípulos que havia ressuscitado. Foi a primeira pessoa a anunciar que Jesus estava vivo, que havia ressuscitado. Ela foi usada para transmitir a mais gloriosa mensagem que já ecoou na face da terra: “Jesus ressuscitou! Jesus vive!”

O ponto alto do resgate do valor, da dignidade da mulher e da igualdade da mulher em relação aos homens, nós temos no evento que é a culminação do ministério salvador de Jesus, o Pentecostes. Lucas nos conta que naquele dia os

discípulos estavam reunidos no cenáculo e “perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele”. Quando Jesus enviou o seu Espírito, as mulheres o receberam como os demais, e manifestaram os dons espirituais como todos os outros.

O que foi evidenciado no evento do Pentecoste o apóstolo Paulo declarou teologicamente no texto de Gl 3.26-28.

“Pois todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos vocês que foram batizados em Cristo, de Cristo se revestiram.” Assim sendo, diz Paulo: “não há mais distinção entre judeus e gregos” (*distinções raciais*), “escravos e libertos” (*distinções sociais*), “homens e mulheres” (*distinções de gênero*). “Todos vocês são um em Cristo Jesus.”

O que foi demonstrado por Jesus em sua vida e ministério, o que foi patenteado no Pentecoste, o que foi afirmado pelo apóstolo Paulo, a igualdade entre o homem e a mulher, faz parte da realidade do reino de Deus, e é essência do jubileu definitivo.

O tempo de Jesus e o tempo de Paulo foi a época dos inícios. Foram os primeiros raios do dia do jubileu que despontava no horizonte deste mundo. Mas agora o fermento já teve tempo de levedar a massa, a semente já teve tempo de se tornar árvore. Agora é hora da igreja realizar e praticar plenamente o fato de que “em Cristo não há homem nem mulher, mas todos são um”.

## **7 UMA BREVE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO OLHAR FILOSÓFICO NA RELAÇÃO HOMEM E MULHER**

Rogério Leoderio de Souza<sup>16</sup>

Nesta construção histórica da filosofia existem características e eventos que podem lançar luz sobre as questões da mulher em ocupar um lugar de referência dentro do âmbito religioso, e até mesmo potencializar e elucidar a questão da mulher como produtora de conhecimento. Desta forma, pretendo pinçar fatos e personagens que poderão minimamente oferecer apontamentos à questão.

---

<sup>16</sup> Especialista em Filosofia da Religião - Faculdade de Ciências e Letras. Graduado em Teologia - SEMIB. Graduado em Teologia - Bacharelado - FACETEN. Bacharelado e Licenciatura em Filosofia - UFPR. Professor na Faculdade Teológica Betânia. E-mail: rogeriofatebe@gmail.com .

Quando a filosofia nasce, na Grécia, no âmbito religioso, as mulheres, enquanto sacerdotisas, tinham os mesmos privilégios que os homens, os quais poderia citar: assento garantido nas primeiras filas dos jogos em Atenas; direito à propriedade e de perpetuar a herança; prestígio ao ponto de terem monumentos erguidos em sua homenagem.

Mas este prestígio não era encontrado na vida da sociedade não religiosa grega, pois as mulheres não tinham acesso aos estudos e nenhum direito na democracia Ateniense. Sem dúvida, a condição delas manifestava uma disparidade entre a vida dentro da religião e fora dela.

A primeira filósofa que temos notícias foi Safo, 630 ou 604 a.C., nascida em Mitilene – Lesbos, uma ilha grega. Dentre as suas atribuições, podemos citar: poetisa, tecelã, sacerdotisa e filósofa. Devido as suas ideias provocarem perturbações nos poderosos, foi exilada na Sicília junto com a família, mas quando retornou, fundou uma escola só para mulheres, onde as mesmas eram educadas na poesia e filosofia, e eram ensinadas a pensar criticamente e a serem femininas. Sem dúvida esta escola foi um grande marco para a educação das mulheres na época.

Por sua vez, o filósofo Platão (428/348 a.C.), na obra “A República”, inova o papel da mulher em sua cidade ideal, possibilitando a sua emancipação social, política e a mesma educação dos homens. Para ele, o único impedimento de uma mulher em praticar o que quiser, seria a sua competência ou não para o ofício desejado. Nesta cidade ideal, todas as funções, até mesmo a de governar sobre outros, não se fixa pelo sexo que cada um possui, e sim, pela competência que cada um carrega em si; o mais capaz então, deve realizar o propósito.

Diferente de Platão pensa o seu discípulo Aristóteles, pois para ele a mulher possui uma alma inferior a do homem, ela seria apenas um pouco mais superior que a alma do escravo. Isso intrinsecamente a impediria de realizar algumas funções que seriam próprias do homem livre, entre elas de tecer um pensamento crítico e de governar.

Dando um salto na história, iremos nos deparar com Hipátia, nascida em Alexandria no ano de 360 d.C. Ela é uma prova histórica, entre tantas outras, que a mulher tem condições de assumir um protagonismo na liderança e no pensamento crítico, pois foi ela considerada a primeira matemática da história e dirigiu por um

significativo período a Escola Platônica de Alexandria, uma das mais conceituadas da época, onde seus alunos, após passarem por ela, tornavam-se prefeitos, governadores e líderes da igreja. Hipátia teve uma morte trágica, foi esfolada viva na Ágora por cristãos radicais. Mas mesmo sendo perseguida em sua vida, nunca deixou de anunciar o que acreditava e por isso tornou-se um ícone na história. Certa vez ela disse: “Governar acorrentando a mente através do medo de punição em outro mundo é tão baixo quanto usar a força”.

Outra filósofa a considerar é Simone de Beauvoir (1908/1986). Segundo ela, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Esta frase, à primeira vista, causa muita estranheza para aqueles que nunca pensaram no assunto. Mas de fato, a mulher sempre foi ensinada a se comportar e agir de determinada maneira e por muito tempo foi educada para ser uma boa esposa e servir ao marido. Com isso, a superioridade do masculino foi ganhando cada vez mais força e o gênero feminino passou a ser visto como inferior. O que está em pauta, não é nascer mulher no sentido biológico, mas sim que a mulher é obrigada a se moldar às expectativas de uma sociedade que a inferioriza. Neste sentido, a mulher, segundo Beauvoir, tem direito de assumir o protagonismo de sua própria existência e querer ser o que ela desejar e não o que se espera socialmente dela.

Acredito que estas provocações e exemplos possam ser uma fagulha para pensar melhor sobre a mulher e seus direitos, que devem ser esculpido à luz das Escrituras e não especificamente da tradição ou de qualquer força que inferiorize o valor da mulher; neste sentido a filosofia tem algo, ainda que de forma singela, a acrescentar.